Guerreiro Ramos: a trajetória de um pensamento*

L. A. Alves Soares**

Palavras-chave: intelectualidade brasileira; sociologia brasileira; Guerreiro Ramos.

Fases do pensamento de Guerreiro Ramos.

Guerreiro Ramos: the course of a thought

The thinking of Guerreiro Ramos had its beginnings while he was still living in Bahia, even before he started his course on Social Studies in Rio de Janeiro, at then Universidade do Brasil. Presenting itself in distinct phases, his work is not, however, fashioned as a series of tight compartments.

O pensamento de Guerreiro Ramos (1915-82) — figura importantíssima na sociologia brasileira — apresenta uma trajetória cujo conhecimento é fundamental para a compreensão de sua obra (Soares, 1993), bem como da vida intelectual brasileira dos anos 30 aos 60 (Oliveira, 1987 e 1988).

Na Bahia, onde nasceu, iniciou sua produção intelectual no campo da literatura, antes mesmo de formar-se. Os primeiros trabalhos revelam forte orientação católica, com influências de J. Maritain, Mounier, Berdiaeff, além das revistas *Ordre Nouveau* e *Esprit*. A conjuntura política da época se caracterizava pela polaridade entre integralismo e comunismo. Estando engajado no movimento político da época, como muitos jovens intelectuais, e dada a sua formação religiosa, filiou-se ao integralismo, a exemplo de seus amigos Rômulo Almeida, Afrânio Coutinho e Abdias Nascimento. Rômulo Almeida influiu grandemente na vida de Guerreiro Ramos até o início do curso de ciências sociais.[1] No início de sua vida profissional, foi auxiliado por San Thiago Dantas, outro ex-integralista.

Segundo Lúcia Lippi Oliveira, "as questões tratadas por Guerreiro Ramos nos textos produzidos na década de 30 podem ser sintetizadas na idéia de uma revolução personalista e comunitária, *à la* Mounier, que se contrapõe à revolução materialista configurada tanto pelo fascismo quanto pelo comunismo. Trata-se de uma proposta de transformação que pode ser compreendida pela abordagem de alguns pares de conceitos: cultura *versus* civilização; pessoa *versus* indivíduo; orgânico *versus* mecânico; sentimento trágico de vida *versus* sen-

* Artigo recebido em maio e aceito em jul. 1994.

** Sociólogo. (Endereço: Rua Dr. Manuel Cotrim, 232 — Riachuelo — Rio de Janeiro — RJ — 20961-040.)

[1] Guerreiro formou-se em ciências sociais na então Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Em 1943 concluiu o curso de direito iniciado em Salvador e interrompido com sua vinda para o Rio de Janeiro.

timento burguês da existência; sofrimento *versus* ressentimento. O primeiro termo destas dicotomias engloba a proposta, o sonho de Guerreiro e do grupo leitor e produtor da revista *Esprit*; o segundo representa o mundo contemporâneo, o inimigo a ser combatido, a ser revolucionado" (Oliveira, 1988).

Em *Introdução à cultura* (1939) encontra-se uma síntese de suas idéias. A cultura é concebida como princípio espiritual, expressão da pessoa, totalização dos anseios e idéias do povo. Uma vez que este é incapaz de se exprimir, essa faculdade cabe aos gênios e sobretudo aos poetas. O conceito de pessoa tem fundamentos distintos do indivíduo moderno. Ao contrário da sociedade contemporânea, onde o homem vive como ser natural, o homem é imagem de Deus, um ser natural e sobrenatural ao mesmo tempo. Em sua concepção de sociedade, os homens deviam unir-se em grupos naturais e espontâneos pela comunhão e não pelo interesse (solidariedade orgânica). Guerreiro rejeitava a idéia do homem moderno, utilitarista, incapaz de ser solidário, opondo-lhe a pessoa que se une ao outro pela comunhão, funcionando o sofrimento como meio de conquista própria.

A valorização da poesia e do poeta já havia sido formulada em *O drama de ser dois* (1937). A poesia é apresentada como o caminho por excelência para o pleno florescimento do humanismo, ou seja, é o caminho da espiritualização, da santidade. "A poesia é um sacerdócio, e o poeta — como aquele que está próximo do místico, do primitivo e da criança — é um vidente, é um santo em potencial" (Guerreiro Ramos, 1939). Essa mesma divisão do homem entre natural e sobrenatural, entre o homem e o anjo, figura também em *O problema do humanismo* (Guerreiro Ramos, 1938).

Esses trabalhos expressam um pensamento conservador que valoriza a cultura, baseando na conversão moral do homem, na crítica à sociedade moderna. A revolução total pregada por Guerreiro ambiciona despertar a responsabilidade, o desejo de sacrifício. Ela ambiciona converter e não convencer os homens.

Da resolução dos problemas do homem pelos poetas, verdadeiros "condutores dos povos", Guerreiro Ramos passa a acreditar nos políticos e nos administradores. "A conversão não é mais religiosa ou espiritual, mas *conversão*, *salvação* e *vocação* continuarão a desempenhar um papel relevante nas propostas de Guerreiro. No lugar de cultura espiritual da pessoa, as ciências sociais, a industrialização, o papel do Estado, a consciência do povo. Ele seculariza a temática dessas primeiras obras, mas seu discurso guardará as bases desta matriz seminal" (Oliveira, 1988:27).

Sua obra sociológica mostra que seu pensamento teve fases distintas. Estas fases, entretanto, não são estanques. Em cada uma delas é perfeitamente possível verificar elementos da fase subseqüente, como que numa superposição. Ao longo das fases de sua obra percebem-se não só as linhas básicas de seu pensamento, em termos de teoria e método, como também a presença dos temas e das categorias lógicas.

A primeira fase (1943-52) corresponde ao esboço de seu pensamento sociológico. Essa foi a fase de estudo dos problemas sociais, iniciada com seu curso de sociologia no Departamento Nacional da Criança. Nessa fase predominam os artigos publicados na *Revista do Serviço Público* do Dasp — favorecido pela condição de diretor da seção de crítica, função para a qual fora convidado em 1946 — e na imprensa do Rio de Janeiro. A exceção foi sua tese para o concurso de técnico de administração do Dasp, seu principal trabalho desse período. Nessa fase foram produzidos os trabalhos a respeito de saúde pública, infância e adolescência, padrão de vida e temas diversos, e também iniciados os estudos sobre relações raciais no Brasil.

O pensamento do autor nessa fase encontra-se formulado em seus estudos sobre teoria sociológica, mortalidade infantil, administração e artigos referentes a temas como marxismo e psicanálise, nos quais comenta Eric From (*O medo da liberdade*). Criticou Freud por sua falta de cultura sociológica. Sua principal característica foi a preocupação em difundir o conhecimento sociológico, apresentando a sociologia como um novo método de pensar, "um novo modo de especular os fenômenos sociais, que se caracteriza pela suposição de que todo equilíbrio social é precário ou pela negação de qualquer explicação providencialista da evolução social" (Guerreiro Ramos, 1946:163). A sociologia era concebida como tecnologia social, na medida em que manipulava fatos para a solução de problemas, como instrumento de intervenção na realidade social.

A metodologia e as categorias que utilizou nessa fase revelam a forte influência de Max Weber e Karl Mannheim, que marcariam seu pensamento ao longo de toda a sua obra. Weber está presente na concepção da realidade como processo (história) e na categoria de racionalidade. A influência de Mannheim, entretanto, permite identificar Guerreiro Ramos com a sociologia do conhecimento. É bom lembrar que sua tese para o concurso do Dasp, na qual estudou o processo histórico da racionalização do trabalho, possui como subtítulo "ensaio de uma sociologia do conhecimento".

Em seus trabalhos desse período observa-se já uma abordagem transdisciplinar, que incorpora à análise sociológica considerações de natureza antropológica, biológica, demográfica, psicológica, econômica e administrativa. Existe um posicionamento metodológico que tem como categorias básicas estrutura, fase, classe, área (espaço), *principia media* e razão, sendo as cinco primeiras explicitadas nas *Notas metodológicas*. Em seus estudos de saúde apontou o papel dos fatores sociais na formação das doenças, criticou a abordagem médica do problema social e desenvolveu considerações de natureza administrativa e econômica, referindo-se à pobreza e ao desenvolvimento. A puericultura era vista como tecnologia social na medida em que implicava conceitos, noções e princípios de disciplinas diversas. Os estudos de padrão de vida foram entendidos como peça fundamental de toda política social e em função dos quais os órgãos governamentais deveriam planejar seus serviços. Tratava-se, em seu entender, de uma concessão do capitalismo em sua fase imperialista. Os fundamentos sociais da administra-

ção foram estudados em sua tese para o concurso do Dasp. Em suas observações administrativas criticou as transplantações e apontou a necessidade de adaptação. O trabalho, tema da tese, foi abordado na *Sociologia industrial* sob outro ângulo e novamente examinado ao longo da história — retomou o tema da racionalidade e estudou a origem industrial da sociologia e o trabalho industrial. Militante do movimento negro, enfatizou o aspecto psicológico e desenvolveu discurso conciliador defendendo a democracia racial. Seus trabalhos de pesquisa não tiveram aprofundamento maior. Em seu depoimento ao CPDOC, confessou ter sido influenciado por Donald Pierson na aplicação de *surveys* e haver escrito "coisas americanizadas". Refere-se, certamente, ao trabalho *A pesquisa e os surveys sociais* (1947).

Além de sua formação literária e filosófica, o autor era muito bem informado, como se pode ver pela bibliografia citada em seus trabalhos. Em boa parte isso se deve às publicações que recebia na condição de responsável pela seção de crítica da *Revista do Serviço Público*. No final de seus artigos nessa revista encontra-se uma espécie de subseção intitulada "recebemos e agradecemos", na qual estão listadas as publicações encaminhadas. Em *Ciências sociais em transição* (1947), vê como mudanças no pensamento sociológico a emancipação do impressionismo pela adoção da objetividade — devida, em grande parte, ao reconhecimento da importância dos fatores emocionais — e a adoção da causalidade, substituindo a teoria unilinear pela funcional; além disso, comenta as novas teorias da geometria e da física. Nesse mesmo artigo, elogia *A transformação da lógica conceitual da sociologia* (1947), de Mário Lins, autor que mais tarde seria criticado e incluído na corrente consular, e defende a construção de unidades conceituais que não fossem incompatíveis com outras. Naquela oportunidade, fez a primeira crítica à sociologia praticada no Brasil, afirmando ser de nível muito baixo. Essa fase termina em 1952, com seu ingresso, como professor, na Escola Brasileira de Administração Pública (EBAP) da Fundação Getulio Vargas, e com a publicação de *Sociologia industrial.*

Seus estudos e pesquisas e sua experiência no Dasp, bem como na assessoria da Presidência da República ao lado de economistas de renome, levaram Guerreiro Ramos a aprofundar a crítica à sociologia praticada no Brasil. De 1953 a 1966, transcorre a segunda fase de sua obra, caracterizada pelo pensamento crítico e pela formulação do que denominou sociologia nacional ou militante. Esse período, o mais movimentado de sua obra, inicia-se com a publicação de *O processo da sociologia no Brasil* e termina com a mudança do autor para os Estados Unidos.

A formulação da sociologia nacional, também chamada sociologia autêntica ou militante, fundamentou-se na análise histórica da teoria sociológica. A sociologia como forma independente de saber surgiu da crise gerada pelo advento da sociedade burguesa, quando esta assumiu o caráter de associação humana independente do Estado. A formação da sociologia em sua acepção acadêmica (disciplina sistemático-formal desvinculada da economia e da história) ocorreu em um

período em que a burguesia ascendeu ao poder e arrefeceu seus ímpetos revolucionários, e a teoria social que se vinha formando no século XVIII fragmentou-se em diversas disciplinas especializadas.

Para Guerreiro Ramos, essa sociologia é uma distorção da teoria social científica na forma em que vinha sendo desenvolvida pelos economistas clássicos ingleses e pelos filósofos escoceses, empenhada na compreensão do processo histórico-social. Trata-se de uma ideologia de dominação, na medida em que seus enunciados dificultam a compreensão global do processo histórico-social e desviam a atenção dos estudiosos para aspectos fragmentários desse processo. A especialização "estimula a adoção de processos formais de conhecimento em detrimento dos práticos, que caracterizava os teóricos do século XVIII, ao mesmo tempo teóricos e militantes. Apesar da diferença de orientação, possuíam como pontos comuns: a) compreensão global do processo histórico-social; b) pensamento comprometido com a prática social, deliberadamente interferente, instrumento de uma ação social orientada pelo propósito de reconstrução da sociedade; c) utilização da razão como instrumento de crítica do sistema social vigente, ao qual negaram o direito de persistir porque fundado em preconceitos ou em justificativas que lhes pareciam retrógrados" (*Redução sociológica*, 1965. Ap. 1:186). Identificado com essa concepção, sugeria que a sociologia contemporânea procurasse articular-se com ela, como a que (naquela ocasião) se inspirava em Hegel e aproveitava as contribuições de Marx e do culturalismo.

A exemplo do que ocorreu no ocidente europeu no século XVIII e ocorria ainda em outros países, a sociologia era concebida como instrumento de construção nacional e não "universal", nacionalmente descomprometida. A tarefa do sociólogo era contribuir para a organização da sociedade, tarefa para a qual, mais que qualquer outro profissional, estava habilitado. Essa sociologia se orientava pelo plano dos valores, pela compreensão da realidade, pelo engajamento. "Inspira-se ela numa experiência comunitária vivida pelo sociólogo, em função da qual adquire sentido. Desvinculada de uma realidade humana efetiva é uma atividade lúdica da mesma natureza do pif-paf" (*Cartilha brasileira do aprendiz de sociólogo*, 1954:19). Essa sociologia se opunha ao adestramento para o conformismo, ao aprendizado para receber soluções prontas, a representação de correntes, a atitude apologética em face de métodos e produtos do trabalho sociológico do exterior, traços característicos da "sociologia consular". A sociologia nacional não nega os enunciados gerais da ciência. Assume tal caráter pelos temas que trata.

A este pensamento, apoiado na fenomenologia e sistematizado na *Redução sociológica* (1965), correspondem novas categorias básicas. À preocupação interferente corresponde a categoria da práxis, à visão global corresponde a categoria da totalidade. Os *principia media* cedem lugar aos fatores de consciência crítica produzida no processo de avaliação e compreensão dos fatos. Assumem maior relevo as categorias de fase e razão. Aprofundando as definições de Müller-Lyer e Karl Mannheim, afirmou: "A fase é uma categoria que vem atender à exi-

gência de um princípio de coerência na análise dos acontecimentos históricos. Resulta da descoberta de que esses acontecimentos não são fortuitos ou arbitrários, mas ocorrem como se leis estruturais os governassem. E, portanto, induz a perceber que a interferência nos acontecimentos deve fundar-se no conhecimento das linhas diretrizes que lhes dão caráter sistemático. Porque os fatos tendem a compor relações de sistema ou de coerência uns com os outros, só é viável operar em determinada situação as transformações possibilitadas pelo seu âmbito de virtualidades" (*Redução sociológica*, 1958:109).

A razão, antes vista como atitude do espírito humano perante a natureza e a sociedade, passa a ser concebida como compreensão dos fenômenos em função da realidade em que estão integrados, a partir da qual tudo o que acontece em determinado momento adquire exato sentido. A razão, fundamentada na totalidade, permanece funcional.

A noção de mundo surge em seu pensamento em termos epistemológicos, elemento da redução sociológica, operando como suporte das noções de nacionalismo, desenvolvimento e posteriormente modernização — novos temas. Dizia Guerreiro: "O essencial da idéia de mundo é a admissão de que a consciência e os objetos estão reciprocamente relacionados. Toda consciência é intencional porque estruturalmente se refere a objetos. Todo objeto, enquanto conhecido, necessariamente está referido à consciência. O mundo que conhecemos e em que agimos é o âmbito em que os indivíduos e os objetos se encontram numa infinita e complicada trama de referências" (*Redução sociológica*, 1958:45).

É nova a temática de Guerreiro Ramos nessa fase. Temas como desenvolvimento, nacionalismo, poder, revolução brasileira substituem infância e adolescência, padrão de vida. O trabalho sobre mortalidade infantil publicado no México ampliou aquele publicado no Brasil e já se referia ao desenvolvimento. A ampla bibliografia, resultado de estudos há muito desenvolvidos, ensejou uma profunda crítica da ciência social praticada nos Estados Unidos.

Além de seus estudos críticos sobre marxismo, continuou tratando de relações raciais e administração. A postura integracionista dá lugar à combatividade na linha do pensamento crítico da sociologia militante, à denúncia agressiva. As relações raciais, praticamente restritas à questão do negro, passaram a ser vistas como problema nacional. Ele próprio afirmou que "a nova teoria, que consegui fazer vitoriosa, representava a indução da práxis desenvolvida no Teatro Experimental do Negro". Guerreiro redigiu a declaração de princípios da Semana de Estudos promovida pelo Teatro Experimental do Negro, de 9 a 13 de maio de 1955, no Rio de Janeiro. Tratava-se da "patologia social do branco", sintoma de escassa integração da sociedade brasileira. O "problema" do negro foi criado por uma minoria de brancos letrados orientados por critérios de trabalho intelectual desvinculado das circunstâncias do país.

Quanto à administração, paralelamente às referências foram realizados estudos específicos, destacando-se *Administração e estratégia do desenvolvimento*. Este trabalho, no qual estabeleceu os fundamentos sociais da sociologia da admi-

nistração, não possui o tom crítico e polêmico que caracterizou a produção do autor no período, não só por sua natureza de compêndio, mas também porque, com seus direitos políticos cassados, foi obrigado a conter-se. A crítica se limita ao plano teórico. Embora a variedade de assuntos de que trata seja grande em função da amplitude do tema, é um trabalho de grande importância. Abordando assuntos predominantemente novos em sua obra (ética, teoria de sistemas, informação, modernização), ao lado de antigos, e referindo-se à realidade brasileira (burocracia, formalismo, administração federal), este livro consolidou os trabalhos do autor sobre administração realizados até aquele momento, além de trazer inovações. Nesse trabalho, observa-se a importância que assumem as categorias de totalidade e razão na compreensão do fato administrativo e da ação administrativa, determinantes na análise do fenômeno do ponto de vista histórico-sociológico e no estudo da mudança social. O desenvolvimento — mudança social intencional — foi visto como elaboração de soluções adequadas (estratégia). À luz da estratégia foram estudadas a burocracia e o formalismo.

Nos trabalhos dessa fase, Guerreiro era enfático, por vezes empregando linguagem virulenta. A *Cartilha* foi um exemplo, respondendo com um título provocante às reações a suas posições em defesa da sociologia nacional. Dirigindo-se também aos sociólogos em formação, esse trabalho é, a um só tempo, indicativo de suas preocupações com o ensino e esboço de metodologia.

Outro aspecto importante na obra do autor nessa fase foi a coerência. Sua teoria correspondia à prática. O pensador que produziu a *Redução sociológica*, *Situação atual da sociologia*, *Crise do poder* e outros textos foi pregador do nacionalismo, militante negro, autor de manifestos, deputado federal atuante. Em entrevista concedida ao jornal *Última Hora*, do Rio de Janeiro, em 1957, inclinava-se a conceituar a nova ciência social como uma concepção resultante de relações dialéticas entre teoria e prática. "Em toda prática há uma teoria imanente. Em toda teoria há uma prática imanente" (*Introdução crítica à sociologia brasileira*, 1957:210).

Diante da situação política vigente no Brasil, com seus direitos políticos cassados pelo movimento militar e em decorrência de seus contatos com a Fundação Ford, Guerreiro mudou-se para os Estados Unidos em 1966, iniciando-se assim a terceira e última fases de sua obra, que vai até sua morte naquele país em 1982.

Após *A nova ignorância e o futuro da administração pública na América Latina* (1970), os trabalhos do autor concentram-se na área de administração e teoria das organizações, e revelam um novo pensamento cujo ponto central é a crítica da sociedade centrada no mercado. Embora a principal obra dessa fase seja *A nova ciência* (1980), a leitura de *Modelos de homem e teoria administrativa* (1972) nos permite deduzir que ela estava pensada pelo menos a partir desse trabalho.

Com esse novo posicionamento teórico foram abandonados antigos conceitos, reformulados uns e negados outros, ao mesmo tempo em que novos temas foram retomados. Relações raciais, ainda abordado na segunda fase, foi abando-

nado nesta. O nacionalismo foi objeto de um trabalho nos Estados Unidos (Guerreiro Ramos, 1968), enquanto o poder foi objeto de um documento apresentado em um seminário sobre o Brasil (1972) e de outro a respeito da inteligência brasileira na década de 30 (A inteligência brasileira na década de 1930..., 1980). Embora prosseguisse estudando o desenvolvimento e principalmente a modernização, passou a criticá-los fortemente. O autor não era mais socialista, continuando crítico do marxismo agora à luz da moderna teoria econômica. A tese da sociologia nacional foi também abandonada em função da nova crítica da teoria social e da negação do desenvolvimento. Quanto à revolução, além de não poder falar, nada mais havia a dizer, pois uma alternativa para o seu desfecho já havia sido antevista. O país carecia de liderança, de um diretório político, de um conjunto de homens dotados da compreensão instrumental do poder, nos quais estivesse representado o projeto de empresa nacional, como tarefa transcendente às episódicas lutas sociais, dissera em 1963. Em sua opinião, havia um dilema na revolução brasileira: o "mito", atitude dos falastrões e adeptos da internacionalização do país, ou a "verdade", o entendimento que possibilitasse a realização das chamadas "reformas de base" necessárias ao desenvolvimento do país. Dizia ele: "Ocorre, entre nós, que os círculos conservadores não estão suficientemente minados em suas bases e destituídos de meios para não poderem repelir, com eficácia, ameaça grave aos seus interesses essenciais e, por outro lado, não existe liderança capacitada para fazer da revolução um fato nacional, manifestação coletiva do povo brasileiro, configuradora de novo poder. A revolução, no Brasil de hoje, é idéia-força, não é processo político orgânico. Por isso, os revolucionários podem ter êxito como personalidades isoladas, mas não como expressão de um comando da revolução, nacionalmente unificado" (*Mito e verdade da revolução brasileira*, 1963:190-1). Não foi tolerado que "o negro metido a sociólogo" (como a ele se teriam referido os inquisidores de 31 de março), que estudava os problemas brasileiros, julgasse positiva a divisão das Forças Armadas em termos ideológicos e falasse em revolução. Os fatos vieram demonstrar que estava correto em sua crítica aos que chamava de "otários" — os que falavam mais do que podiam, os aventureiros e literatos que se iam especializando na desmedida —, mas a "verdade" não se consumou.

Suas categorias principais, nessa fase, são a razão e a ética. Mannheim e Weber, em quem tanto se fundamentara, passaram a ser subsídios da crítica da razão moderna. A Mannheim (que se apoiara em Weber) acusou de limitada sua visão de racionalidade, dizendo que não tirou inteiramente as conseqüências da distinção que fez entre racionalidade formal e substancial, não chegando, realmente, a um conjunto coerente de diretrizes teóricas. Isso de forma alguma significa um abandono do conhecimento como temática, já que quando se dedicou ao estudo da lei dos requisitos adequados ao desenho dos sistemas sociais incluiu a cognição entre as suas dimensões.

Weber, ponto de partida tanto na crítica da razão moderna como na formulação da teoria substantiva, conta com a clara preferência do autor. Na crítica da ra-

zão moderna, Guerreiro Ramos defende Weber da acusação de representante da racionalidade burguesa, uma vez que a encarava com evidente desinteresse pessoal. Para ele, Weber agiu como historiador. Viveu em um período em que a racionalidade formal substituía amplamente a racionalidade substantiva como principal critério para a ordenação dos negócios públicos e tomou como certa essa substituição, recusando-se a erigir a ciência social sobre a racionalidade substantiva. Guerreiro Ramos especulou a respeito de uma teoria substantiva que seria formulada com base naquilo que Weber não disse, "mas que provavelmente diria se tivesse vivido nas presentes circunstâncias históricas" (*A nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações*, 1980:25). Apontou a contradição de Weber ao afirmar que, apesar da neutralidade da ciência do ponto de vista do valor, os valores adotados por uma sociedade são critérios indicadores dos pontos que durante certo período histórico são importantes para aquela forma de vida humana associada. Assim, quando as premissas de valor de certo tipo de vida associada se transformam em fatores de um mal coletivo, o cientista social não pode considerar tais premissas estranhas à sua disciplina.

Ao formular a teoria substantiva da vida humana associada — contrapondo-a ao que denominava teoria social formal — Guerreiro Ramos rompeu com toda a teoria social e com seu pensamento anterior, inclusive com as correntes que — como afirmara em *Situação atual da sociologia* (1958) — contribuiriam para a formação da nova teoria da realidade social. Juntamente com desenvolvimento e modernização, socialismo, mudança social, pós-industrialismo, a etapa (estágios sociais), até então pedra angular de seu pensamento, foi criticada por sua disposição serialista. Reformulando sua concepção de história, diz então que no entendimento segundo o qual ela revela seu significado através de estágios empírico-temporais está contido um conceito de tempo peculiar ao Iluminismo. Segundo este conceito, a natureza humana muda sua estrutura através de distintos graus qualitativos de atualização que correspondem a diferentes degraus existentes numa espécie seriada de tempo. Além do tempo serial, existem as categorias de tempo convivial, tempo de salto, tempo errante. Ao contrário das transformações históricas empreendidas na Antigüidade que ocorreram depois de um movimento horizontal no espaço ou simultaneamente a ele, se alguma ruptura tiver que ocorrer hoje, "terá que assumir o caráter sem precedente de um puro êxodo em compacto tempo vertical, isto é, através de uma mudança no íntimo das pessoas, em sua orientação relativamente à realidade e nos critérios de percepção e definição de suas necessidades e desejos" (*A nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações,* 1980:42).

A evolução, importante na concepção do autor até a segunda fase, teve seu primeiro questionamento em *Modernização em nova perspectiva: em busca do modelo de possibilidade* (1967). A noção de possibilidade já havia sido empregada em *Administração e estratégia do desenvolvimento*, quando, partindo dos *principia media*, indicou a adoção do ponto de vista estratégico em sua crítica à categoria de pré-requisito da modernização. Em *Modernização em nova perspec-*

tiva, a noção foi tratada com especificidade, contrapondo a Teoria *N* a Teoria *P*. Recorrendo a Weber, disse: "As possibilidades objetivas são na verdade conjeturas, mas conjeturas cujo poder de convicção pode ser justificado por um conhecimento positivo e controlável dos acontecimentos; não refletem nossa ignorância ou conhecimento incompleto dos fatos" (*A modernização em nova perspectiva: em busca de um modelo de possibilidade*, 1967:15).

E prosseguiu: "Weber salienta que por intermédio dessa categoria torna-se possível julgar a adequação da relação entre a imaginação e a realidade. Utilizando essa categoria com base em suportes empíricos, ficamos em condições de compreender os eventos ocorridos, passados e presentes, libertos do princípio metafísico da necessidade histórica (op. cit.: 16). Quando diz que "a ciência social não pode ser científica quando se equaciona o ocorrido com o necessário, isto é, se não se reconhecer que existe na causação histórica ou social um lugar para a opção humana" (op. cit.:16), trata-se de uma antecipação da crítica que seria formulada em *A nova ciência*.

A mesma acusação de serialismo foi feita ao funcionalismo estrutural (que tanto utilizara como subsídio em *Administração e estratégia do desenvolvimento*), à dialética hegeliana, ao marxismo e ao neomarxismo, assim como às "diferentes combinações dessas tendências com fenomenologia e/ou existencialismo" (*A nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações*, 1980:41). Assim, foram negados os conceitos de circunstância, existência, projeto, ser-em-situação, ser-no-mundo, empregados em diversos trabalhos e principalmente na *Redução sociológica*.

A noção de possibilidade, freqüentemente apresentada como limite, está presente na obra do autor desde a primeira fase, quando referia-se à objetividade do conhecimento histórico-sociológico, e foi extraída do conceito de possibilidade objetiva, de Weber. Guerreiro empregou a noção de limite como o oposto de possibilidade, estando ambas as noções associadas. Afirmava que ela se define em termos de perspectiva e que, portanto, dadas as várias explicações de um mesmo fato, a mais objetiva é aquela que alcance maior número de aspectos, aquela em função da qual se tornem perceptíveis "a infra-estrutura e o caráter residual, tributário ou ideológico das outras; é aquela que traduz a variabilidade ou a direção tônica, ou dominante, dos acontecimentos. A objetividade é, assim, algo que não se conquista de uma vez por todas no domínio da realidade histórico-social, e se atinge sempre dentro de limites" (*Introdução crítica à sociologia brasileira*, 1957:17). A noção de limite foi empregada na explicação da lei das fases (*Redução sociológica*, 1958) com o mesmo fundamento estrutural. Dizia: "A lei das fases, contribuindo para formar consciência de que as diferentes seções do acontecer histórico têm limites, define um modo sociológico de pensar" (op. cit.: 109). Em *Mito e verdade da revolução brasileira*, ao estabelecer os "princípios da revolução", Guerreiro incluiu o que denominou "princípio dos limites". Nesse trabalho encontra-se a primeira associação de *limite* com *possibilidade*, sendo empregada pela primeira vez a expressão weberiana "possibilidades objetivas". Em

Administração e estratégia do desenvolvimento: elementos de uma sociologia especial da administração a possibilidade objetiva foi utilizada como um dos elementos componentes da estratégia, relacionada com limite.

A afirmação de que *A nova ciência* é resultado de pesquisas sobre o terceiro sentido da redução sociológica merece observações. Como é sabido, a *Redução sociológica* passou a ser formulada em sentidos na segunda edição, quando, incorporando trabalhos anteriores, atribuiu ao *Homem-organização e homem-parentético* (1963) o segundo sentido e à *Situação atual da sociologia* (1958) o terceiro. Ocorre que, como já vimos, enquanto na *Redução* a razão (sociológica) é uma "referência básica, a partir da qual tudo o que acontece em determinado momento de uma sociedade adquire o seu exato sentido", definida em termos de compreensão dos fatos integrados ao mundo histórico, de fase e totalidade, em *A nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações* a concepção é outra. Nesse trabalho, a razão é "força ativa da psique humana que habilita o indivíduo a distinguir entre o bem e o mal, entre o conhecimento falso e o verdadeiro, e assim ordenar sua vida pessoal e social". A esta conceituação Guerreiro acrescentou: "... a vida da razão na psique humana era encarada como uma realidade que resistia à sua redução a um fenômeno histórico ou social" (op. cit.: 23). Ao criticar a conversão do bom ao funcional, do ético ao não-ético — processo que denominou transvaliação — Guerreiro Ramos adota uma concepção nova de razão. A razão da *Redução* corresponde a uma fase de pensamento do autor, à fase da sociologia compreensiva, fundada na perspectiva, nos valores, nos significados, na história. A razão de *A nova ciência* é atributo essencial do ser humano, é ética, supra-histórica.

Os sentidos da *Redução* foram justificados com a alegação de que em 1958 o autor estava obcecado pela fundamentação metodológica de uma sociologia nacional. Tomando-se o primeiro trecho da definição de redução — atitude metódica que tem por fim descobrir os pressupostos referenciais, de natureza histórica, dos objetos e fatos da realidade social — e abandonando-se o segundo trecho — referente à assimilação crítica da experiência estrangeira —, encontramos os fundamentos dos três sentidos a que se refere o autor. No prefácio da 2ª edição da *Redução*, ao penitenciar-se do aspecto limitado do primeiro sentido diz que ela "não se destina tão-só a habilitar a transposição de conhecimentos de um contexto social para outro, de modo crítico, mas também caracteriza modalidade superior da existência humana, a existência culta e transcendente". Apesar da reconceituação, permanece a diferença de conceitos de razão.

Em decorrência da crítica da economia de mercado, Guerreiro Ramos assumiu novas posições diante de questões como produção, tecnologia, consumo, recursos e natureza, articulados na teoria substantiva. Anteriormente a produção era concebida em termos de industrialização, sendo esta erigida em categoria sociológica, variável estratégica do desenvolvimento. O consumo, cujo crescimento se vinha verificando em termos vegetativos e em termos de novos hábitos, graças ao aumento do poder aquisitivo da população nos decênios imediatamente

anteriores à década de 50, era fator de consciência crítica. A tecnologia era entendida como conjunto de utensílios, instrumentos, meios e objetos materiais mediante os quais o homem se assenhoreava das forças naturais e as utilizava como meio de manipulação da natureza e da sociedade. Guerreiro Ramos se referia a uma "forma de existência temporal", quando a produção se transformava em produtividade, mediatizada pela intensificação do trabalho social e pela diminuição das necessidades elementares da vida ordinária. Em termos de modelos heurísticos de administração, os modelos de evolução tecnológica serviam de ponto de referência e de avaliação do desenvolvimento.

Na teoria substantiva, a produção possui caráter ético, além do técnico. As sociedades industriais de hoje (principalmente os Estados Unidos) foram apontadas como exemplos de práticas predatórias, nocivas à vida humana. Artificialmente promovidas pelo sistema econômico, são produzidas comodidades redundantes de bens em escala infinita, além do suficiente, induzindo ao consumo ilimitado. A produção de bens e serviços para exercício da vida cívica — o viver bem no sentido aristotélico — foi susbstituída pela noção materialista de viver afluentemente e pela obsolescência planejada, atentando contra os limites biofísicos de recursos impostos pela natureza. Ao contrário do modelo social centrado no mercado, na teoria substantiva a produção é constituída pelas atividades que contribuem para aumentar o gozo da vida e que, como tal, podem representar os resultados de atividades desenvolvidas no âmbito de sistemas sociais não orientados para o mercado.

Na última fase de sua obra, Guerreiro Ramos considerou a tecnologia limitada pelos imperativos termodinâmicos da natureza. Ao invés de melhorar a qualidade de vida, a tecnologia, como força não controlada, está pondo em risco a viabilidade do homem como criatura racional. Esse risco não é inerente a ela, mas decorre da estrutura política e institucional episódica dos sistemas sociais avançados. Guerreiro Ramos defendeu o ponto de vista do que chamou de "organização social resistente", uma teoria macroorganizacional destituída de paroquialismo, ou seja, que não focaliza os temas do ponto de vista de critérios inerentes à sociedade de mercado e que não se apóia na ilusão da ignorância da interligação e interdependência das coisas do universo. Segundo essa concepção, a produção de mercadorias deve ser gerida eticamente porque o homem, como consumidor ilimitado, não se torna resistente, exaure o seu próprio ser. A produção é também uma questão moral em razão de seu impacto sobre a natureza. Esta, sistema vivo, só pode perdurar na medida em que não se atente contra o equilíbrio energético.

A questão dos recursos — um dos pilares de *A nova ciência* — foi uma constante preocupação do autor. Das primeiras observações em seus trabalhos sobre mortalidade infantil, quando se referia à dilapidação de recursos pela administração brasileira, Guerreiro Ramos passou na segunda fase a tratá-los sob o prisma sociológico ao criticar os economistas "escolásticos" por adotarem uma concepção de capital limitada à forma física. Ele entendia o capital como *know-how*, tecnologia, ciência. Preocupou-se também com o caráter predatório das práticas

políticas e administrativas, que levavam ao desvio dos recursos regionais e nacionais no trato fragmentário de problemas que somente poderiam, em seu entender, ser erradicados pelo que chamava de "transformações qualitativas das estruturas". Em termos macrossociais, via a distribuição de recursos como problema político, certamente referindo-se à decisão.

Em *Nova ignorância* (1970), um dos primeiros trabalhos da terceira fase, ao abordar o mundo como categoria de análise, deu à questão dos recursos contornos que foram como que prenúncios da abordagem da teoria substantiva da vida humana associada. Afirmou que, embora o mundo tenha sido unificado pela tecnologia, existem problemas que o afetam como um todo e que ficarão sem solução a menos que se faça um esforço de institucionalização. Ao mesmo tempo, parece haver recursos disponíveis e em potencial para livrar da pobreza toda a humanidade. O conhecimento, sobretudo sob a forma tecnológica, estava em via de assumir o papel que o capital teve no desenvolvimento econômico. Por seu intermédio o progresso pode ser ilimitado. A riqueza ganha novo sentido: deixa de ser produzida pela natureza, tornando-se obra do homem. É possível criar riqueza por meio de uma administração adequada, ou seja, conhecimento aplicado.

Tomando Adam Smith como referência, dizia que um novo teórico poderia surgir para escrever a *Riqueza do mundo*. Ainda admitindo o desenvolvimento, entendia que a missão da administração do desenvolvimento exigiria, entre outras competências, "engenhosidade na formulação de estratégias adequadas para alocação de recursos". Na teoria substantiva a alocação de recursos é de importância cardinal no paradigma paraeconômico. Nos modelos alocativos predominantes, os recursos e a produção são tidos apenas como insumos e produtos de atividades de natureza econômica. Não se consideram formalmente como fatores contributivos da riqueza nacional atividades como as resultantes de iniciativas de membros de unidades domésticas, religiosas e outras, que são ignoradas pelas estatísticas oficiais. A "riqueza da nação" não é apenas aquilo que é vendido ou comprado; constitui um imenso reservatório de recursos e de capacidade produtiva negligenciado e inexplorado pelos modelos alocativos predominantes.

O que Guerreiro denomina alocação de recursos é o processo mediante o qual é promovido o tipo ótimo de transação entre os vários enclaves que constituem a sociedade multicêntrica. A formulação e implementação de políticas e decisões distributivas necessárias cabe ao governo, devendo este considerar os requisitos adequados ao desenho dos sistemas sociais. Além da tecnologia e do tamanho, Guerreiro incluiu entre as dimensões preliminarmente estudadas o tempo e o espaço, mutuamente envolvidos. Na nova concepção há requisitos espaço-temporais específicos para cada convívio. Foram, assim, admitidas várias formas de existência.

Para Guerreiro Ramos, a missão da administração é a alocação de recursos. Isso fica claro quando se refere a administração como ciência da produção e quando diz que "o estudo científico das organizações econômicas trata de estruturas que conduzem à efetiva utilização de recursos físicos e de mão-de-obra".

Do ponto de vista paraeconômico, carece de sentido falar de limites de crescimento, uma vez que os recursos são infinitos. Existe um vasto horizonte para a produção e o consumo, e para tornar reais essas possibilidades basta que indivíduos, instituições e governos se livrem dos antolhos conceituais inerentes aos modelos centrados no mercado. O desenvolvimento é negado com a admissão de que o bem-estar possa dar-se em novos termos.

O conhecimento hoje disponível, sobretudo sob a forma de tecnologia, possibilita a criação de riqueza por meio de uma administração adequada, ou seja, adequada alocação de recursos. Foi desse conhecimento disseminado de que se valeu Guerreiro Ramos para — apoiado em outros estudiosos e partindo da análise da crise do modelo de organização social vigente — formular a teoria substantiva da vida humana associada.

Questionando o que tem sido chamado de "teoria das organizações", Guerreiro a refuta nos termos em que é apresentada e formula o arcabouço de uma "ciência das organizações". Voltada para problemas de ordenação dos negócios sociais e pessoais numa micro e macroperspectiva, a "nova ciência" refere-se basicamente à organização econômica da sociedade. Embora estude temas pertinentes à filosofia, à ciência política e à ciência social em geral — além daqueles pertinentes à administração pública e de empresas —, não se observa uma abordagem da organização social em termos sócio-antropológicos. A esse respeito o autor limitou-se a enfatizar a importância da interação simbólica nas relações interpessoais. Essa perspectiva reflete, a nosso ver, as reservas do autor em relação à antropologia.

A crítica feita à ciência política (*Um conceito impopular*, 1981) e à economia política (*Minha dívida a Lord Keynes*, 1982) como disciplinas foi um aprofundamento da crítica à fragmentação da ciência social formulada em *Situação atual da sociologia* (1958). Embora freqüentemente se encontre nos trabalhos do autor o termo "disciplinas", isso não deve ser entendido como aceitação. Trata-se de simples referência, pois possuía perfeita consciência de que as diferenciações do saber científico, longe de constituírem um processo de especialização e de evolução como é freqüente pensar, são decorrências de um período histórico e possuem caráter ideológico. Sua preocupação com a autenticidade na segunda fase levou-o a dedicar-se à universalidade do método. A historicidade da ciência social e seu caráter de ideologia eram subsídios para a reação revisionista, para a formulação da sociologia nacional. Posteriormente, com a formulação da teoria substantiva, o foco da crítica à fragmentação concentrou-se nos aspectos epistemológico e ético.

Apesar das mudanças, seu estudo sobre a inteligência brasileira na década de 30 mostra um elo entre seus trabalhos a respeito do que denomina "história das idéias" e seu pensamento da última fase, preocupado com a funcionalidade do conhecimento. Nesse trabalho emprega o termo *funcional* (como o fizera na segunda fase) como sinônimo de pragmático. A substituição dos termos *autêntico* por *crítico-pragmático* e *consular* por "hipercorreto" em sua classificação do

pensamento não tira da análise o caráter de síntese. A *Redução sociológica* é continuidade do pragmatismo crítico.

Para compreender o pensamento sociológico de Guerreiro Ramos é indispensável considerar sua fundamentação filosófica. Foi o conhecimento filosófico que possibilitou a análise da teoria social do século XVIII, a formulação da redução sociológica e a teoria substantiva da vida humana associada. Sabendo-se do conhecimento que possuía antes de cursar ciências sociais, a fundamentação filosófica de seu pensamento ocorreu por releituras, estudos e pesquisas, numa reflexão que se mostra como existencialismo fenomenológico e que prossegue na terceira fase. Foi à luz da ética de Platão e de Aristóteles que formulou a teoria substantiva. Ela não pode ser compreendida acima do bem e do mal. Foi à luz dos pensadores clássicos que reexaminou Weber, a teoria social moderna e contemporânea e a teoria administrativa. As contribuições de Voegelin e principalmente de Polanyi — a quem citara na *Sociologia industrial* (1952) — não podem ser entendidas em si, mas sim dentro de um arcabouço que se alicerça na ética.

A ignorância da validade da contribuição permanente de pensadores ao longo dos séculos e a crença de que a ciência social é uma sucessão de paradigmas — manifestação da incompreensão do presente como história — foram críticas desenvolvidas do ângulo espistemológico. Guerreiro Ramos se negou a aceitar uma ciência social aprisionada à modernidade concebida como época das luzes, em oposição a um passado de trevas. Os físicos (Whitehead à frente) foram tomados como exemplos do diálogo de gerações na medida em que mostraram a influência de Aristóteles e Platão na ciência natural, particularmente no domínio da física teórica. Retomando a unidade da ciência, esses pensadores o levariam a afirmar que a teoria científica asilou-se na física.

Quando negou à ciência política a condição de ciência, quando responsabilizou as leis do mercado pela sua profissionalização transformando-a em mercadoria ao prescrevê-la como uma entre outras disciplinas, fez crítica sob o aspecto ético. Referia-se não à ética moderna, mas à ética da *Política* de Aristóteles.

Guerreiro Ramos foi um pensador de vanguarda. Formado nas primeiras turmas de sociólogos do Brasil, iniciou seus trabalhos com a sociologia do conhecimento e com a sociologia de Max Weber, paralelamente à sociologia norte-americana. Concursado do Dasp, foi dos primeiros administradores profissionais brasileiros e dos primeiros professores da Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getulio Vargas. Incorporou a psicanálise, o existencialismo, o movimento anticolonialista e o antiimperialismo representado pelo movimento nacionalista. Seus últimos trabalhos foram uma alternativa às críticas à chamada sociedade pós-industrial, conceito que questionou estudando a modernização. Seus estudos a respeito do homem-parentético são formulações "pós-modernas" da teoria das organizações. Abordou temas recentes como comunicação, participação, pesquisa-ação, ecologia, estando à frente das formulações usuais, como nas suas observações a respeito da termodinâmica. Profundo conhecedor do pensamento social dos séculos XVIII e XIX, de entusiasta da economia passou a seu

crítico, atestando seu estado terminal. Ao reconceituar a riqueza das nações, ofereceu uma alternativa à questão da pobreza. A teoria da delimitação dos sistemas sociais supera com larga folga a inconsistente dualidade do formal/informal.

Foi um pensador dedicado ao Brasil do início ao fim de sua carreira. O movimento modernista não lhe passou despercebido, estudando-o dentro do que denominou "história das idéias". Do elogio de algumas figuras (*O processo da sociologia no Brasil*, 1953:35-6) passou a designá-lo como "uma nova moda" (*Introdução crítica à sociologia brasileira*, 1957:32), como consciência da terra e do homem do Brasil surgida de modo vago na literatura (*Problema nacional do Brasil*, 1960:226). Por fim, definiu-o como antecedente do estado de espírito de parte da inteligência brasileira, contraditório por nele haver um tratamento hipercorreto e crítico-pragmático das peculiaridades brasileiras (*A inteligência brasileira na década de 1930, à luz da perspectiva de 1980*, 1983:534-5).

Mesmo no período em que esteve no exterior, não deixou de preocupar-se com o país em que nasceu, atuando como professor visitante e tratando do Brasil em seus trabalhos. Sua atitude pode ser perfeitamente verificada em trabalhos típicos como os referentes à abertura política e *Curtição e reinvenção do Brasil*. Este último, um trabalho póstumo — que pela irreverência do título faz lembrar a *Cartilha* —, revela a um só tempo o pensador plenamente amadurecido, já como que desiludido, e o crítico mordaz.

Seus últimos trabalhos são de atualidade indubitável. O desemprego, a criminalidade, o desabastecimento foram abordados à luz da alocação de recursos sendo criticada a falta de uma política de urbanização enquanto critério regulador dos movimentos populacionais. A política urbana, assim, é uma questão de política alocativa e não uma questão urbanística. A ética é tema atual, tanto pela atenção dos filósofos que promovem concorridos seminários, quanto pela gritante corrupção já institucionalizada no país.

Foi um sociólogo da *ordem*. Sua obra se refere à organização da sociedade, à microorganização e suas respectivas crises. Inicialmente, tratou do *problema* da sociedade como problema social, depois como problema nacional e por fim como problema mundial, sendo fiel, neste particular, à missão cardinal da ciência na sociedade. Seu pensamento era imbuído de intuitos salvacionistas. Sua obra é impregnada de caráter messiânico, como bem diz Lúcia Lippi Oliveira. Para ele a vocação da sociologia era tornar-se um saber de salvação. Este propósito, perseguido desde a *Cartilha*, culmina em *A nova ciência*, quando se propõe a salvar, na ciência social, o que é correto. O salvacionismo significaria livrar a sociedade dos males como propõem as religiões, e dos *problemas*. Além do paralelo com as religiões de salvação de Weber, tal propósito faz lembrar sua religiosidade da juventude. A salvação do Brasil, fundamentada no terceiro sentido da *Redução*, implica abandono do padrão decadente do Ocidente e de sua ciência social, ou seja, um novo ordenamento social. Trata-se de uma façanha cultural e política. A expressão *vida humana associada* e as diversas dimensões de tempo são revela-

doras do sentido antropofilosófico que sua obra adquiriu na última fase, transcendendo ao caráter histórico da sociedade enquanto conceito moderno.

Apesar de seu radicalismo, Guerreiro Ramos foi um crítico bem comportado, na medida em que se colocou dentro dos limites filosóficos que se originaram na Grécia clássica, com Aristóteles e Platão. Embora tenha por uma vez mencionado o nome de Nietzsche, jamais se aproximou da razão trágica. Para Nietzsche, Platão e Aristóteles significam a morte da filosofia. Como sociólogo da *ordem*, entendia o contrário dela como desordem e não como *outra ordem*. Como socialista que foi, em certa fase, e militante estudioso, desconhecia o pensamento anarquista, embora conhecesse Proudhon como pensador social. Referiu-se à anarquia como sinônimo de desordem, no sentido comum. Acreditava na liderança do saber na organização da sociedade. Na segunda fase, foi intelectual de vanguarda engajado no movimento revolucionário e portanto integrante da *intelligentzia*. Na terceira fase, após ter defendido a participação e a pesquisa-ação e afirmado que o estado-ação era um obstáculo ao desenvolvimento do mundo, entendeu que o governo não deveria isolar-se dos cientistas para informar-se ante a necessidade de reinventar o Brasil.

Apesar de reconhecer a importância dos significados, dos valores e das emoções, sua concepção aristotélica de razão e sua concepção de ordem o desviaram do estudo da cotidianidade, do homem comum, do estudo do prazer de viver. Sua teoria substantiva, entretanto, em muito se aproxima da tendência para conceber os fenômenos sociais muito menos pelo prisma institucional do que pelo antropológico, privilegiando o simbólico. Embora não se tenha identificado com nenhuma corrente metodológica, por julgar a vinculação atitude de subserviência intelectual, é possível dizer que Guerreiro Ramos fez uma sociologia dos valores, uma sociologia compreensiva no sentido weberiano, na medida em que a consciência crítica, o engajamento e a ética são valores. A presença de Weber em sua obra é consciente, tendo afirmado, em seu depoimento ao CPDOC, que "fazia de Weber o que queria", deixando mais do que claro o domínio que possuía do pensamento do sociólogo alemão.

No prefácio da segunda edição da *Redução*, refere-se a uma obra que pretendia elaborar, apresentando "de maneira mais analítica o nosso conceito ampliado de redução sociológica, como tentativa inteligente do real em suas múltiplas expressões". Resta saber se essa obra era *A nova ciência*. A morte impediu Guerreiro Ramos de concluir *Teoria e destino*, trabalho que, conforme seu depoimento ao CPDOC, trataria de "sua história intelectual sem narração dos fatos".

Embora inconclusa, sua obra apresenta uma unidade em sua evolução. Guerreiro Ramos mudava de pensamento porque tinha pensamento para mudar, pesquisava, acreditava na verdade e a buscava. Por ironia do destino foi nos Estados Unidos, cuja sociologia tanto criticara, que produziu seus trabalhos mais elaborados.

A militância política, motivo da cassação de seus direitos, levou-o à atividade exclusivamente universitária. Florestan Fernandes, seu desafeto, então profes-

sor universitário e que também teve os direitos políticos cassados por suas idéias marxistas, passaria a militante e chegaria, como Guerreiro Ramos o fizera, a deputado federal. Por ironia do destino, inverteram-se as posições.

Guerreiro Ramos foi quase profético, como na análise da conjuntura política que antecedeu ao golpe militar de 1964. A queda de interesse pelos cursos de sociologia, que levou alguns ao encerramento, é como uma confirmação do que dizia no prefácio da segunda edição da *Redução sociológica* (1965:15): "A sociologia não é a especialização, ofício profissional, senão na fase da evolução em que nos encontramos, em que ainda perduram as barreiras sociais que vedam o acesso da maioria dos indivíduos ao saber".

Guerreiro Ramos foi intelectual brilhante, progrediu sempre. Com admirável lucidez, refletiu sobre a sociologia e a ciência social buscando determinar as condições que garantissem e limitassem a sua validade. Sua obra é uma valiosa contribuição para a vida humana em sociedade e, principalmente, para o Brasil. Estudá-la, mais que enaltecê-la, é a melhor maneira de fazer justiça à sua privilegiada inteligência.

Referências bibliográficas

Guerreiro Ramos, A. O problema do humanismo. Salvador. *Revista Norte*, 1938.

———. *Introdução à cultura*. Salvador, Cruzada da Boa Imprensa, 1939.

———. *Notas sobre planificação social*. 1946.

———. *Tipology of nationalism in Brasil (a case of political breakdown)*. South California University, 1968. mimeog.

A inteligência brasileira na década de 1930, à luz da perspectiva de 1980. In: *A renovação de 30*. Seminário Internacional. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). FGV, Rio de Janeiro, set. 1980. Brasília, Universidade de Brasília, 1983. p. 527-48. (Coleção Temas Brasileiros.)

International prospects of the contemporary brazilian bonapartist regime. New York, University of New York, 1972. mimeog. (Paper delivered at the Conference on Brazil's International Role in the Seventies.)

Oliveira, Lúcia Lippi. *A inteligência brasileira à luz da sociologia de Guerreiro Ramos*. Rio de Janeiro, FGV/CPDOC, 1987.

———. *Caminhos cruzados: trajetória individual e geração*. Rio de Janeiro, FGV/CPDOC, 1988.

Soares, L. A. Alves. *A sociologia crítica de Guerreiro Ramos: um estudo sobre um sociólogo polêmico*. Rio de Janeiro, Copy & Arte, 1993.